



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE MUSEOLOGIA

FERNANDA COSTA ATHAYDE

MUSEU PALÁCIO DA ACLAMAÇÃO/ SALVADOR/BAHIA:
RELATÓRIO E ANÁLISE DE ATIVIDADES SOBRE A DOCUMENTAÇÃO

SALVADOR

2018

FERNANDA COSTA ATHAYDE

**MUSEU PALÁCIO DA ACLAMAÇÃO/ SALVADOR/BAHIA:
RELATÓRIO E ANÁLISE DE ATIVIDADES SOBRE A DOCUMENTAÇÃO**

Trabalho de conclusão do curso de graduação em Museologia,
Faculdade de Ciências e Filosofia, Universidade Federal da Bahia,
como requisito para obtenção do grau de Bacharel Museologia.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Sidélia Teixeira

SALVADOR

2018

Athayde, Fernanda Costa

MUSEU PALÁCIO DA ACLAMAÇÃO/ SALVADOR/BAHIA:

**RELATÓRIO E ANÁLISE DE ATIVIDADES SOBRE A DOCUMENTAÇÃO./ Fernanda
Costa Athayde. -- Salvador, 2018. 36 f. : il**

Orientadora: Sidélia Teixeira.

**TCC (Graduação - Museológica) -- Universidade Federal da Bahia,
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2018.**

**1. Acervo museológico. 2. Documentação museológica. 3.Sistematização da
documentação. 4.Procedimentos da documentação museológica .**

FERNANDA COSTA ATHAYDE

**MUSEU PALÁCIO DA ACLAMAÇÃO/ SALVADOR/BAHIA:
RELATÓRIO E ANÁLISE DE ATIVIDADES SOBRE A DOCUMENTAÇÃO**

Banca Examinadora

Orientadora Sidélia Teixeira

Profª do Departamento de Museologia Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
Universidade Federal da Bahia

José Joaquim de Araújo Filho

Profº. Do Departamento de Museologia Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
Universidade Federal da Bahia

Dilserôse Côrtes Costa

Museóloga da Diretoria de Dimus/ IPAC

Dedico este trabalho a todos os familiares que acreditaram em mim e na minha escolha, aos meus colegas e amigos de curso que fizeram essa caminhada mais prazerosa e feliz, e as coordenadoras e colegas de estágio por onde passei.

AGRADECIMENTOS

À minha família por acreditarem em mim e me apoiarem desde o primeiro momento em que expressei o desejo em cursar museologia, mesmo sem saberem ao certo o que é esta linda profissão. Obrigada também por todo carinho, atenção e amor que vocês sempre me deram, vocês são minha força e meu gás para continuar lutando.

Em especial ,a meu avô José e minha tia Isabela, que desde pequena me fascinavam com os conhecimentos de história antiga, religiosa e cultural. Acho que daí vem meu gosto e meu amor por tudo isso.

À meus pais, por todo o apoio e amor que vocês me deram nesses anos de curso, e por confiarem e acreditarem mim. Vocês ajudaram a tornar esse caminho mais leve. Amo vocês.

À todos os meus professores por toda dedicação , respeito e empenho em nos transmitir os seus conhecimentos da melhor maneira e estimular nosso pensamento crítico. Gostaria de agradecer em especial aos professores Marcelo, Graça, Ana Paula, Suely, Joseania, Heloísa e a minha orientadora Sidélia, que além de aulas e conteúdos acadêmicos tivemos momentos alegres, de descontração e reflexões sobre a vida. Obrigada.

À todos os meus colegas de curso, vocês com certeza fizeram essa caminhada muito mais gratificante. Em especial a Luíse, Jussara, Jéssica, Walba, Denise, Edmara, Láine, Milena, Celeste, Dilma, Aiala, Lara, Vinicíus, Israel, Charles, Bruno e todos os outros que conheci nessa caminhada acadêmica, vocês são exemplos de superação, força e motivação, sou grata por me ensinarem tanto.

À minha equipe de estágio do Museu Palácio da Aclamação, minha coordenadora Francisca Andrade, Rose, minha irmã palaciana, Dona Nalva, seu Edson, Jailson e Uilton, todos vocês por confiarem em mim desde o primeiro momento, me ensinarem tanto, por todo respeito e carinho, ajudas e conversas.

ATHAYDE, Fernanda Costa. MUSEU PALÁCIO DA ACLAMAÇÃO/ SALVADOR/
BAHIA:RELATÓRIO E ANÁLISE DE ATIVIDADES SOBRE A DOCUMENTAÇÃO./
2018- Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia. 36 f.

RESUMO

Este Relatório de Atividades vai fazer uma análise da documentação de 1990 a 2015, do Museu Palácio da Aclamação e descrição das atividades técnicas que foram realizadas no período de execução do projeto de documentação do acervo da instituição, no setor de documentação durante o estágio desenvolvido nessa instituição. As atividades técnicas que foram desenvolvidas no setor são: Organização das informações, Início da aferição, Confecção das etiquetas e marcação das peças, Acondicionamento do acervo, Inventário fotográfico e Listagens do acervo. Além disso, apresenta o histórico da instituição e uma reflexão sobre: documentação de museus e a documentação do Museu Palácio da Aclamação.

Palavras- chave: 1. Acervo museológico. 2. Documentação museológica. 3.Sistematização da documentação. 4.Procedimentos da documentação museológica .

ATHAYDE, Fernanda Costa. MUSEU PALÁCIO DA ACLAMAÇÃO/
SALVADOR/BAHIA: RELATÓRIO E ANÁLISE DE ATIVIDADES SOBRE A
DOCUMENTAÇÃO./ 2018- Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade
Federal da Bahia. 36 f.

RESUMEN

Este Informe de Actividades va a hacer un análisis de la documentación de 1990 a 2015 del Museo del Palacio de la Aclamación y descripción de las actividades técnicas que se realizaron en el período de ejecución del proyecto de documentación del acervo de la institución en el sector de documentación durante la etapa desarrollada en esa etapa institución. Las actividades técnicas que se desarrollaron en el sector son: Organización de las informaciones, Inicio de la medición, Confección de las etiquetas y marcado de las piezas, Acondicionamiento del acervo, Inventario fotográfico y Listados del acervo. Además, presenta el histórico de la institución y una reflexión sobre: documentación de museos y la documentación del Museo Palacio de la Aclamación.

Palabras clave: 1. Acervo museológico 2. Documentación museológica.
3.Sistematización de la documentación. 4.Procedimientos de la documentación
museológica.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1: Palacete dos Moraes, sem data.....	18
Ilustração 2: Praça da Aclamação, sem data.....	20
Ilustração 3: Arquivo de documentos.....	24
Ilustração 4: Prateleira 1, do armário de documentação.....	24
Ilustração 5: Prateleira 2, do armário de documentação.....	24
Ilustração 6: Etiquetas para taças de cristal.....	26
Ilustração 7: Etiqueta com cordão de algodão.....	26
Ilustração 8: Etiqueta com cordão de algodão.....	26
Ilustração 9: Etiqueta com cordão de algodão em móveis.....	26
Ilustração 10: Reserva Técnica 2.....	28
Ilustração 11: Reserva Técnica.....	28
Ilustração 12: Reserva Técnica 2.....	28
Ilustração 13: Sala de jantar.....	28
Ilustração 14: Conjunto dos móveis do Hall agrupados.....	28
Ilustração 15: Conjunto de móveis do Hall, agrupados no Salão de Banquetes.....	28
Ilustração 16: Organização do inventário por pastas de acordo com a coleção.....	29
Ilustração 17: Inventário fotográfico da coleção de Mobiliário. Organizado por Nº registro e Nome/Título.....	29
Ilustração 18: Listagens organizadas por Coleção por exemplo, Coleção II. Imaginária.....	30
Ilustração 19: Listagens organizadas por Coleção por exemplo, Coleção VI Prata.....	30

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

MUPAC	Museu Palácio da Aclamação
DIMUS/IPAC	Diretoria de Museus/ Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural do Estado da Bahia
CIDOC	Comitê Internacional para a Documentação

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

1. REFLEXÕES SOBRE A DOCUMENTAÇÃO DE MUSEUS.....	14
2. MUSEU PALÁCIO DA ACLAMAÇÃO : CONSIDERAÇÕES HISTÓRICAS ..	18
3. A DOCUMENTAÇÃO DO MUSEU PALÁCIO DA ACLAMAÇÃO.....	22
3.1. O SETOR DE DOCUMENTAÇÃO E AS AÇÕES DESENVOLVIDAS.....	24
4. CONSIDERAÇÕES E RECOMENDAÇÕES FINAIS.....	31
REFERÊNCIAS.....	32

INTRODUÇÃO

O presente trabalho descreve as ações que foram planejadas e realizadas para o setor de Documentação e Pesquisa do Museu Palácio da Aclamação (MUPAC), durante o estágio realizado nessa instituição. Além disso, esse relatório tem por objetivo contribuir para as reflexões e auxiliar às práticas museológicas e a pesquisa no MUPAC. Nesse sentido, de forma ampla, podemos também considerar que o desenvolvimento dessa atividade pode contribuir para a sistematização da documentação, pois envolve a preservação, segurança, conservação, estudo e divulgação do acervo.

Sabe-se que qualquer instituição museal pequena ou grande, com menos recursos ou mais recursos, pública ou privada, necessita ter uma documentação do acervo bem estruturada, ou seja, identificada e classificada. Esse é o ponto de partida para a realização de todas as atividades do museu. Por exemplo, essa ação permite o acesso às informações intrínsecas e extrínsecas do objeto. Entretanto, a documentação ampla de cada peça, não é uma tarefa fácil e rápida, por isso precisamos sistematizar algumas etapas, e obedecer os princípios técnicos gerais e convenções museológicas, de acordo com a realidade e características de cada acervo e instituição. Assim, concebemos a padronização básica da documentação, como meio essencial para a organização do acervo e dos documentos, de forma a facilitar o entendimento das informações sobre os objetos preservados em cada instituição.

Entendendo a Documentação Museológica como um sistema, nós do setor de documentação do Palácio da Aclamação, estamos orientando e fazendo nosso trabalho em etapas, coordenadas, com o objetivo de controlar a organização do acervo, pois após a análise de algumas informações, observamos a utilização de diversas expressões, classificações e numerações do acervo. Diante dessa situação, percebemos que era necessário padronizar dados, visando aprimorar os mecanismos de informação sobre os objetos.

Para tanto, iniciaremos nosso relatório refletindo sobre a documentação museológica na atualidade. Em seguida, discutiremos sobre o histórico do MUPAC, como forma de produzir uma contextualização sobre a instituição e, ao mesmo tempo, apresentar a problemática da documentação dessa instituição para, finalmente, descrevermos os procedimentos e as ações realizadas, com base nessa realidade, para finalmente apresentarmos um plano de trabalho para o setor de documentação do Museu do Palácio da Aclamação.

1. REFLEXÕES SOBRE A DOCUMENTAÇÃO DE MUSEUS

Considerada a base, “o ponto de partida” de um museu, dentre as atividades internas das instituições museais, a documentação museológica ou de museus, possui grande importância. Essa é responsável por articular diferentes ações realizadas dentro do museu como: pesquisa; conservação; exposição; ação cultural e educativa e, possui a finalidade de fazer a instituição funcionar da melhor e mais organizada forma possível. Dessa maneira, todo o trabalho exercido no museu, se “alimenta” da documentação, gerando um ciclo de atividades nessas instituições, com a finalidade última de preservar e comunicar. Tudo isso pode garantir um bom funcionamento dos museus, desde que tais procedimentos sejam seguidos pelos profissionais que se ocupam das instituições museológicas.

A documentação é considerada uma atividade de preservação, visto que o ato de preservar “[...] inclui a coleta, aquisição, o acondicionamento e a conservação desses bens (CÂNDIDO,2002,p.30). O ato de documentar, o acervo de um museu é uma atividade que demanda elaborar/ gerar registros escritos, considerados fundamentais para o controle e manutenção das coleções (CHENHALL apud CERAVOLO; TÁLAMO, 2000, p.4).

Lembramos que a documentação de museus se inicia após a musealização do objeto, quando este perde a sua função original e torna-se documento dentro do museu, documento este materializado que necessita de várias informações para ajudar-nos a conhecer o que ele é, e toda a sua história, permitindo o entendimento sobre as razões que justificam sua musealização, por exemplo. A partir daí, começa o trabalho da documentação museológica. Nesse sentido, essa atividade:

[...] tem como particularidade reconhecer os acervos museológicos, independentemente de sua natureza, como suportes de informação. Está focada na busca, reunião, organização, preservação e disponibilização de todas as informações, sobre quaisquer suportes, que digam respeito a esses mesmo acervos.

Na atividade de curadoria documental, as especificidades relativas a formas de comunicação, origem, formas de aquisição e outras, constituem não apenas o histórico de cada objeto, mas também estabelecem a relação de cada unidade entre si, com as outras coleções do museu e, finalmente, com a história do próprio museu.

Para atingir esse objetivo é preciso entender que a Documentação Museológica é um sistema, e por isso exige rigor metodológico. O sistema da Documentação Museológica vai além da reunião de postulados que regulam a ordem de identificação dos fenômenos museológicos. Também não se limita a ser um método de classificação de um conjunto observável. Mas, acima de tudo, trata de um conjunto de princípios que- ao serem reunidos e combinados por meio de coordenadas pré- estabelecidas- formam um corpo de doutrina. A busca, o registro e a disponibilização das informações sobre o acervo devem ser feitas de maneira padronizada de acordo com normas pré- estabelecidas. É dessa forma que podemos torna-lás acessíveis de maneira ampla, fidedigna e, portanto, verdadeira, seja como fonte, ou como produto. (BOTTALLO, 2010, p. 50).

A documentação de museus pressupõe a utilização de técnicas e metodologias próprias, já preestabelecidas, mas que podem encontrar apoio em outras áreas do conhecimento, como por exemplo, a Biblioteconomia. Como é visto na trajetória histórica da documentação de museus, esta atividade é tão antiga quanto os próprios museus, e já foi considerada simples, “pobre” quando comparada a outras atividades dessa instituição, como afirma Cérvolo e Tálamo (2000.). Porém, aos poucos a documentação vai assumindo um “status” mais significativo principalmente, após a formação do Comitê Internacional de Documentação (CIDOC), em 1950, e contou com a ajuda da bibliotecária Yvonne Oddon que tinha como ideia caracterizar a documentação como atividade própria de museu e para isso, ela utiliza técnicas de biblioteca para a documentação de museus. Assim, a mesma sugere o desenvolvimento de várias etapas de processamento técnico, e propõe modelos de fichas, ao tempo em que, procura caracterizar os ‘instrumentos documentários’ que descrevem e classificam os objetos. Na década de 60, o CIDOC procurou implantar padrões para os registros de museus e a compatibilidade entre eles, como nos mostra Cérvolo e Tálamo (2000). Além da Biblioteconomia, a Ciência da Informação e a Informática, dão suporte a documentação de museus, desde que os conceitos e procedimentos sejam analisados a partir de uma perspectiva museológica.

As instituições museais precisam ter uma eficiente documentação do seu acervo, já que um dos principais objetivos da documentação museológica é a recuperação da informação, garantindo assim o acesso e a salvaguarda da informação e do objeto, conforme dito anteriormente. Para desenvolver essa atividade, é preciso sistematizar as informações. Esse procedimento é denominado nas áreas da Biblioteconomia e da Ciência da informação como “Sistema de Recuperação da Informação”. De acordo com FERREZ (1991) esse mecanismo estrutura-se a partir dos Objetivos, da Função, dos Componentes e das Saídas. Entende essa autora que os objetivos visam conservar os itens da coleção; maximizar o uso da informação contida nos itens e maximizar o acesso aos itens. Assim a Função estabelece o contato efetivo entre as fontes de informação (itens) e os usuários, isto é, faz com que estes, através de informações relevantes, transformem suas estruturas cognitivas ou os conjuntos de conhecimentos acumulados. Os Componentes, segundo a autora são divididos da seguinte forma: 1-entradas: seleção e aquisição; 2-organização e controle: -registro, número de identificação/marcação, armazenamento/localização, classificação/catalogação e indexação. Por último, a Saída é dividida em: recuperação e disseminação.

Dessa forma, a atividade prática da sistematização da documentação deve ser feita, ou orientada por um especialista da área (museólogo), que acaba exercendo um papel de mediador entre as pessoas (visitantes, pesquisadores, funcionários, etc.) e o acervo. Além disto, este profissional possui as tarefas básicas, ainda segundo DODD (op.cit.) de:

- a) armazenar informações sobre os objetos, individualmente;
- b) completar estas informações através da literatura e de outras fontes documentais existentes, e do registro fotográfico;
- c) torna-lás acessíveis aos usuários: museólogos, curadores, pesquisadores, administradores e público em geral.

Alguns autores, como por exemplo, Moro (1986), afirmam que para o bom funcionamento de um museu, o mesmo precisa saber responder às perguntas sobre o acervo: **o que; como; quanto e onde estão localizados**. É a documentação através de suas técnicas museológicas, a responsável em responder essas perguntas, para não correr o risco de ser apenas repositório de objetos sem passado, que só podem ser analisados através de suas propriedades físicas, limitando todo o trabalho museológico

e, por consequência, as outras atividades que dependem da documentação, como por exemplo a exposição, a ação cultural e educativa, etc.

Além disso, sabemos que ao ser musealizado o objeto passa a ter sua vida e trajetória documentada, não esgotando suas informações no processo de registro e catalogação quando é recém-adquirido. Ele vai mudar de lugar, será emprestado, pode participar de exposições, é restaurado, etc. necessitando que o sistema seja frequentemente atualizado ou em alguns casos retificado. Após a entrada do objeto no sistema, a informação não fica “congelada”, sempre precisará ser atualizada com informações novas.

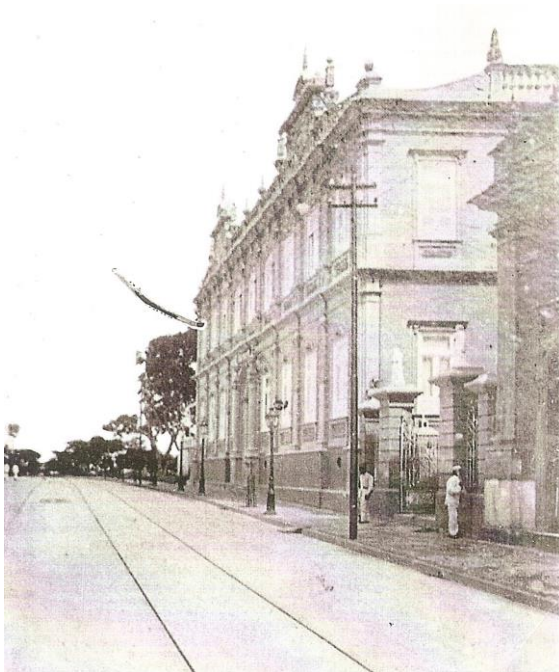
2. MUSEU PALÁCIO DA ACLAMAÇÃO: CONSIDERAÇÕES HISTÓRICAS

Antes de se tornar a residência dos Governadores do Estado da Bahia, a edificação pertencia ao sucedido comerciante português Miguel Francisco Rodrigues de Moraes e sua esposa Clara Cesar de Moraes, família vinda da cidade portuguesa Ponte do Lima. Entre seus negócios estava a Usina de Açúcar Aratu- (TEIXEIRA, 1991).

Conhecido como Palacete dos Moraes, a construção foi feita em um terreno pertencente ao Mosteiro de São Bento, em área próxima ao Passeio Público e na sua frente a Praça da Aclamação, o prédio foi adquirido por Miguel Francisco Rodrigues de Moraes, no final de 1894, porém o mesmo residiu por pouco tempo, pois faleceu em 1895. A viúva Clara Cesar de Moraes morou no Palacete até 1911, quando vendeu a construção em 11 de setembro deste mesmo ano para o Governo do Estado da Bahia, que neste momento vivenciava o final do governo de João Ferreira de Araújo Pinho (1908-1911)-¹

Ilustração1:Palacete dos Moraes.

¹ A Praça que fica à frente do Palacete dos Moraes recebeu o nome de Praça da Aclamação em 1889, devido ao fato de várias personalidades terem se dirigido ao local para aclamar a chamada República. Texto **A Aclamação e O Aclamação**, sem autor, disponível no acervo do Palácio da Aclamação.



(Construção original do Palacete dos Moraes.)

Fonte: Acervo fotografico do Museu Palácio da Aclamação, s/d.

Dois meses após ter adquirido o Palacete da Praça da Aclamação, Araújo Pinho é pressionado a renunciar ao governo, ainda faltando cinco meses para o término de seu mandato, tendo o mesmo alegado “condições de saúde”. Logo depois acontece o episódio do Bombardeio de Salvador, em 10 de janeiro de 1912, fato esse ocasionado por uma crise política que se instalou de um lado com Araújo Pinho (substituto Constitucional), o presidente da Câmara de Deputados Aurélio Viana e a maioria da Câmara sob orientação de José Joaquim Seabra (TEIXEIRA, 1991).

Na luta da posse do governo, ocorreram disparos vindos do Forte do Mar, que visavam, principalmente, o Palácio do Governo (o atual Palácio Rio Branco), o qual foi parcialmente destruído e, por conta deste episódio, o Palácio da Aclamação acabou abrigando, provisoriamente, algumas repartições do governo até 07 de julho de 1912, antes de ser elevado a condição de Residência dos Governadores,- (TAVARES 2006).

J.J.Seabra² é empossado do cargo de Governador em 29 de março de 1912 e em 07 de julho desse mesmo ano, muda-se para o Palácio da Aclamação, encontrando-o da mesma forma como era na época dos Moraes, como é descrito a seguir:

² Vale lembrar que os índices de popularidade de J.J.Seabra estavam baixos quando ele assume o governo. Para reverter essa situação política, o mesmo investiu em uma série de obras com grande impacto na Cidade. Como por exemplo, a maior delas a abertura da AV. Sete de Setembro. Com isso ocorreram desapropriações, demolições, alargamentos de vias e recuos de construções. Nas obras Públicas o marco foi o Palácio do Rio Branco (que vai receber esse nome em homenagem ao Barão do rio Branco, filho de baiano, que morrera poucos dias após o bombardeio da cidade de Salvador) e o Palácio da Aclamação (ideia de J.J.Seabra para homenagear a República, como afirma Teixeira(1991), “[...]um

[...]em 1913, inicia-se a construção da parte central e da segunda ala do novo palácio da residência dos governadores. A primitiva casa dos Moraes ficou sendo a ala direita do palácio. Sofreu algumas alterações e remodelações na estrutura física e ganhou pinturas artísticas que deram mais requinte ao interior. Algumas partes foram conservadas sem modificações: o piso em tabuados, as portas de ferro batido com suas respectivas bandeiras e o forro no segundo pavimento são originais. Para a ampliação do prédio, Seabra utilizou uma parte do terreno do Passeio Público[...]. (ACLAMAÇÃO, s/d)

Em 1917, as obras são concluídas, tendo como arquiteto responsável o italiano Fillinto Santoro e já no mandato do sucessor de Seabra - o Governador Antônio Ferrão Moniz de Aragão-, em 03 de novembro de 1917, quando o Palácio volta a funcionar como residência dos governadores- (ANDRADE JUNIOR 2007).

Em 1934, o Governo do Estado compra o sobrado vizinho, à direita, para ampliar a área, construir um prédio anexo e fazer uma garagem. Em 1967, o Governador Lomanto Junior transferiu a residência oficial do Governo para o Alto de Ondina, deixando assim o Palácio da Aclamação para variados usos, como por exemplo: despachos do Governador, recepções, velórios oficiais, sede das Voluntárias Sociais da Bahia, hospedagem de visitantes ilustres ³e outros. Vale ressaltar que o Palácio da Aclamação foi residência Oficial dos governadores por 55 anos (de 1912 a 1967).

Ilustração 2: Praça da Aclamação.

palácio para o Governador com o nome de Aclamação no local de implantação da República, colocava a casa da viúva Clara Cesar de Moraes como a única e insubstituível para este destino”(p. 65)

³O Palácio serviu como local de hospedagem de alguns representantes políticos, durante visitas oficiais, tais como: a Rainha da Inglaterra Elizabeth II e o Príncipe Philip, Duque de Edimburgo- (ACLAMAÇÃO, s/d).



(Sobrado vizinho á direita do Palacete dos Moraes)

Fonte: Edição da casa Alexandre Reis ET C^ª, BAHIA. Acervo fotografico do Museu Palácio da Aclamação, s/d.

Em dezembro de 1990, após passar por amplo processo de restauração, o Palácio foi transformado e reaberto ao público como Casa de Cerimonial e Museu Palácio da Aclamação – criado pelo Decreto nº 4.148, no governo de Nilo Coêlho e por ideia da Primeira Dama da época e presidente das Voluntárias Sociais, Solange Coêlho.

O Museu Palácio da Aclamação, possui um acervo de 1.123 peças, constituído de mobiliário, porcelana, cristais, quadros, decoração e iluminação, bens integrados. Sua coleção é fechada, e foi formada por peças adquiridas durante os séculos XIX e XX usadas na época em que o Palácio era Residência Oficial dos Governadores e moradia da família dos Moraes, (BAHIA, 1991).

Analisaremos no item a seguir, o histórico do processo de documentação do Museu do Palácio da Aclamação e discutiremos os procedimentos atuais que estão sendo adotados para que a coleção do mesmo possa funcionar como fonte de pesquisa, base para as atividades museológicas e instrumento de informação para o público em geral.

3. A DOCUMENTAÇÃO DO MUSEU PALÁCIO DA ACLAMAÇÃO

Seguindo os princípios definidos na teoria museológica contemporânea, conforme abordado no primeiro item desse trabalho, e as recomendações dos manuais de Documentação Museológica, quando iniciamos os trabalhos em agosto de 2017, junto com a coordenadora Francisca Andrade, no setor de Documentação e Pesquisa do Museu Palácio da Aclamação (MUPAC), constatamos que o mesmo não possuía informações sistematizadas.

Neste sentido, havia poucos trabalhos sobre o acervo e, os documentos de pesquisa, tais como; registros de conservação; fichas de empréstimo de peças e entrada de objetos na instituição estavam desorganizados. Assim as fichas de identificação não estavam finalizadas, muitos objetos não continham marcação, a numeração apresentava números repetidos, não sequenciados, números trocados e objetos sem numeração. Por conta dessa situação, verificamos a necessidade de conhecer o acervo e as coleções existentes na instituição, procurando também organizar os documentos e comparar os

dados levantados a partir dos objetos que, atualmente, estão no referido palácio para obter o controle e registro do acervo que faz parte da instituição.

Inicialmente, foi-nos apresentado uma aferição realizada em 2012, pela Diretoria de Museus/ Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia (DIMUS/IPAC) e outros documentos como fichas catalográficas, coleções, listas e classificações, esses pensados com base na aferição e organização do ano anteriormente mencionado. Após algum tempo, com certa dificuldade, conseguimos entender como estava sendo feita a última organização da documentação, baseada nos documentos de 2012.

Ao pesquisar mais e no momento de organizar a documentação da instituição, e após analisar a documentação que deu origem ao museu, como os registros de controle do Palácio de 1985 (antes mesmo de ser museu, quando era a sede das Voluntárias Sociais), a primeira documentação de 1990 e as primeiras fichas catalográficas de 2003 e 2004, constatamos que foi concebida uma nova classificação, novo nº de registro e novas fichas catalográficas. E, assim, começou a produção de um novo registro informatizado, baseado no material produzido em 2012, e que vinha sendo utilizado como documentação do museu.

Como já exista a marcação de aproximadamente 80% dos objetos do acervo, seguindo a classificação e nº de registro da documentação de 1990, ou seja, a tripartida: ano de entrada da peça no museu, coleção que faz parte e número corrido, por exemplo, 990.I.01, e por analisar a nova documentação a que classificava os objetos em 15 coleções⁴, com base no thesaurus para acervos museológicos, analisamos que seria melhor, trabalhar com a classificação de 1990 que categorizava o acervo em XI coleções, a saber:

COLEÇÃOI. Mobiliário

COLEÇÃOII: Imaginária

COLEÇÃOIII: Objetos Decorativos

COLEÇÃOIV: Papel

COLEÇÃOV: Têxtil;

COLEÇÃOVI: Prata

COLEÇÃOVII: Pinturas, Gravuras e Fotos

⁴ Estava subdividindo coleções e gerando coleções com apenas um objeto.

COLEÇÃO VIII: Porcelana

COLEÇÃO IX: Lustres, Luminárias e Apliques

COLEÇÃO X: Mármore

COLEÇÃO XI: Diversos.

Dessa forma, estamos reestruturando a documentação de acordo, com a inicial de 1990, conforme dito acima. Fizemos também um diagnóstico relatando essa análise e justificando a alteração ou reutilização do ano de 1990 tanto da numeração, classificação como das fichas catalográficas em papel de 2003 e 2004. Assim, demos continuidade ao trabalho, seguindo o pensamento de 1990, conforme dito anteriormente: a numeração que faltava, as etiquetas de marcação, organização das listagens, e do inventário fotográfico. Dessa forma, passaremos, a seguir, a descrever, de forma mais detalhada as atividades realizadas no setor de documentação do Museu do Palácio da Aclamação.

3.1 O SETOR DE DOCUMENTAÇÃO E AS AÇÕES DESENVOLVIDAS

O plano de trabalho foi pensado para ser desenvolvido em grupo e em etapas consecutivas, devido à grande quantidade de trabalho, de informações e o tempo relativamente curto.

Dessa forma, descreveremos a metodologia que foi utilizada nesse processo para que outros profissionais entendam o trabalho realizado e que este plano ajude a orientar os futuros estagiários e funcionárias da instituição .

1ª Etapa: Organização da informação

Nessa primeira fase realizamos a identificação, reunião e organização da documentação, com base nas atividades técnicas desenvolvidas na instituição em períodos anteriores e nas referências bibliográficas encontradas em arquivos, armários diversos, mídias de CD, pendrive e em computadores da instituição. Em seguida,

realizamos a leitura e estudo desse material para conhecer melhor a coleção e sua documentação e dar continuidade as atividades seguintes.

Ilustração 3: Arquivo de documentos.



Fotógrafa Fernanda Athayde (2018)

Ilustração 4: Prateleira 1, do armário de documentação.



Fotógrafa Fernanda Athayde (2018).



Ilustração 5: Prateleira 2, do armário de documentação.

Fotógrafa Fernanda Athayde (2018).

2ª Etapa: Início da Aferição

Com base na etapa anterior, e nas peças existentes no Palácio, iniciou-se a aferição juntamente com os profissionais do museu, com o objetivo de obter o quantitativo do acervo. Fizemos a aferição com a coleção de porcelana, e em seguida, as coleções de prataria, vidro, cristal, luminária, esculturas, artes visuais e diversos. Essas coleções estavam reunidas na Reserva Técnica. Assim, consideramos melhor começar por elas, procurando identifica-las.

Terminada a aferição na Reserva técnica, fizemos a aferição dos Móveis que se encontravam nas salas expositivas do térreo.

3ª Etapa: Confecção das Etiquetas e marcação das peças

Nesta etapa realizamos a confecção de etiquetas, ou seja, manualmente, usamos régua, tesoura e papel vergê branco para confeccioná-las com dimensão de 7,5cm de larg x 5,5cm de alt. Para a marcação da etiqueta, utilizamos lápis hb preto e, quando necessário, perfuramos e inserimos cordão de algodão (para prender nas peças).

As informações utilizadas nas etiquetas foram: número de inventário (na parte superior), números anteriores (na parte inferior e no canto esquerdo), nome/ título da peça ao centro. Nosso objetivo com as etiquetas é produzir a identificação rápida do acervo, com poucas informações, de forma simples. Por isso, julgamos esses informes necessários para isso para a realização dessa atividade.

Em seguida, colocamos a etiqueta na peça, após análise, detalhada do objeto para fazer a colocação das mesmas, procurando-se assim, evitar causar danos nos objetos e facilitar sua visualização. Nos Copos, taças e vasos colocamos as etiquetas dentro da peça.

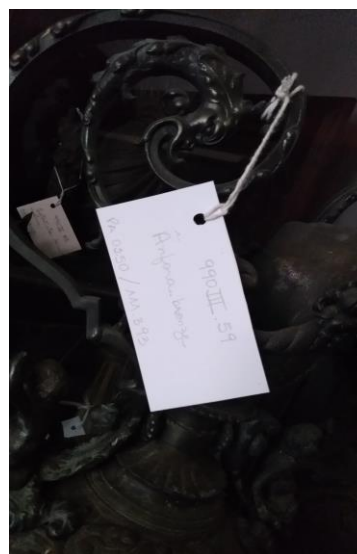
Nas coleções de Quadros, Esculturas, Luminárias e Móveis utilizamos o barbante de algodão para prender as etiquetas.

Ilustração 6: Etiquetas para taças de cristal.

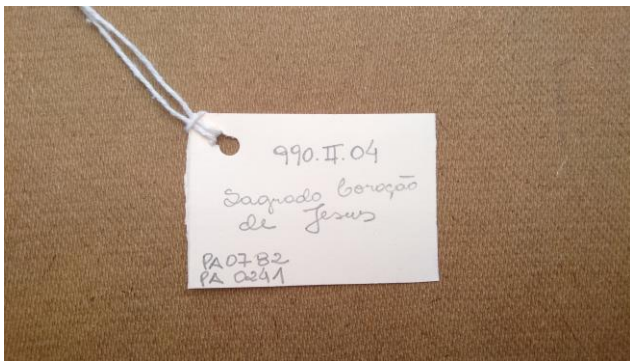


Fotógrafa Fernanda Athayde (2018).

Ilustração7: Etiqueta com cordão



Fotógrafa Fernanda Athayde (2018).

Ilustração 8: Etiqueta com cordão

Fotógrafa Fernanda Athayde (2018).

Ilustração 9: Etiqueta com cordão

Fotógrafa Fernanda Athayde (2018).

4ª Etapa: Acondicionamento do Acervo

Durante a realização dessa etapa, organizamos o acondicionamento de uma parte do acervo na Reserva Técnica. Assim, as coleções foram organizadas e colocadas em um armário específico e com identificação.

Colocamos os objetos pares com a numeração sequencial ou mais próxima. Antes do acondicionamento foi realizado um processo de higienização do acervo trabalhado.

Terminada a etapa da Reserva Técnica, começamos a conferir e a acondicionar os móveis do pavimento térreo. Decidimos que esses objetos deveriam continuar expostos, com o registro de numeração crescente e a localização da sua exposição.

Chegamos a realizar essa organização. No entanto, devido a questões de conservação e preservação do acervo, ou seja, tendo em vista que o tipo de acervo

necessita de um espaço mais apropriado para sua conservação, optamos por colocá-los na Reserva Técnica.

O grupo de móveis dourado (e os mais antigos da coleção) foram organizados em grupo, em numeração crescente na Reserva Técnica 2.

O grupo de Móveis que eram expostos no Hall do Palácio, foram mantidos nos seus respectivos grupos em numeração crescente, no salão de banquete. (Um grande salão expositivo do Museu).

A maior parte do mobiliário do Salão de Banquete permaneceu no mesmo lugar, visto que são móveis de grandes dimensões, pesados e de difícil locomoção. Apenas as cadeiras das mesas foram acondicionadas, em outra sala, devido a grande quantidade de móveis que ficou no espaço e para facilitar a locomoção no espaço.

A sala de jantar foi a única que se manteve da forma em que pensamos inicialmente, de acordo com a sua localização que era exposto e em grupos e numeração crescente.⁵

Ilustração 10: Reserva Técnica 2.



Fotógrafa Francisca Andrade (2018).

Ilustração 11: Reserva Técnica.



Fotógrafa Fernanda Athayde (2018).

⁵ Obs: Todo esse acervo foi aferido, em seguida foi realizado processo de higienização e armazenado.

Ilustração 12: Reserva Técnica 2.



Fotógrafa Francisca Andrade (2018).

Ilustração 13: Sala de jantar.



Fotógrafa Fernanda Athayde (2018).

Ilustração 14: Conjunto dos móveis do Hall agrupados.



Fotógrafa Fernanda Athayde (2018).

Ilustração 15: Conjunto de móveis do Hall, agrupados

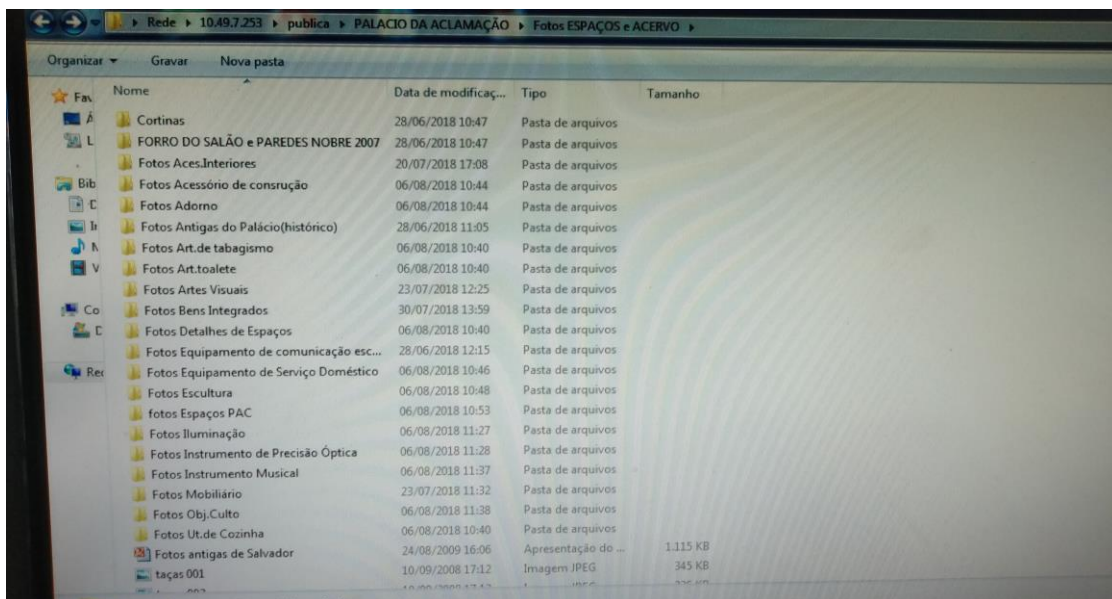


Fotógrafa Fernanda Athayde (2018).

5ª etapa: Inventário Fotográfico

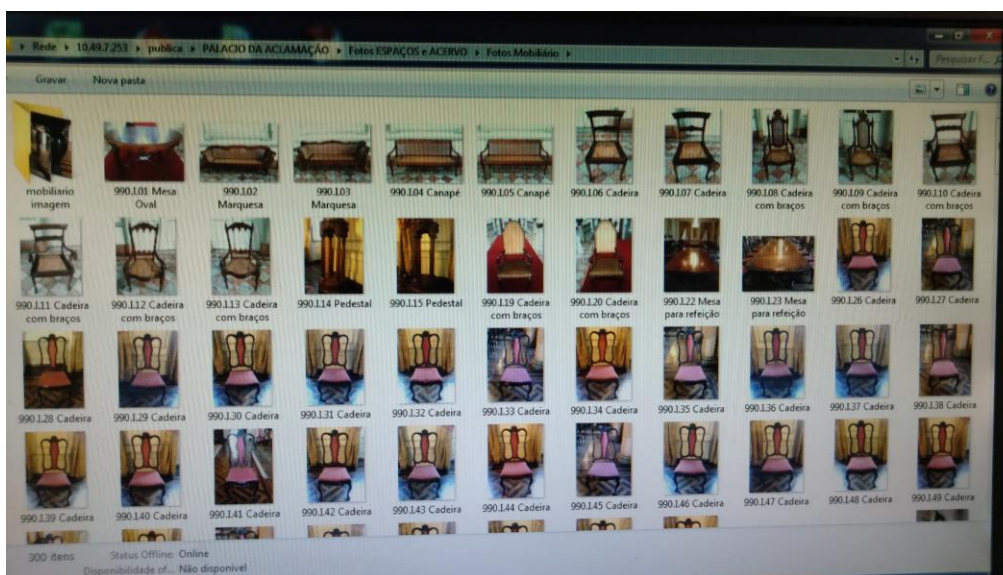
O inventário fotográfico foi realizado de forma informatizada, no programa Microsoft Word, em pastas de acordo com as coleções já existentes. Em seguida foi feita a identificação de cada peça, de acordo com seu número de inventário e nome/título e por ultimo impresso.

Ilustração16: Organização do inventário por pastas de acordo com a coleção.



Fotógrafa Fernanda Athayde (2018).

Ilustração17: Inventário fotográfico da coleção de Mobiliário. Organizado por N° registro e Nome/Título.



Fotógrafa Fernanda Athayde (2018).

6º etapa: Listagens do Acervo

Para a realização das listagens do acervo, fizemos listas de cada coleção já classificada (com base na última documentação de 2012) informatizada, no programa Microsoft Word, organizada pelo Número de Registro de forma crescente; Foto; Nome/título; Número de registro; Número anterior; Autor; Material/técnica; Dimensões; Estado de conservação; Local. Em seguida impresso

Finalizada todas as etapas, observamos que a classificação da documentação de 2012 não correspondia a classificação que foi pensada em 1990 e nos anos seguintes e nem na marcação dos objetos. Dessa forma estamos refazendo toda as listas com base na classificação inicial do acervo e na marcação dos objetos mas, mantendo o mesmo formato e informações.

Ilustração 18: Listagens organizadas por Coleção por exemplo, Coleção II.Imaginária.

Nº de ordem	Imagem	Título/Tema	Nº de Inventário	Nº Anterior	Nº Patrimonial	Autor	Material/Técnica	Dimensões	Est. de Conservação	Local
0777		Cruzeiro	990.II.01		PA 0331	Sem referência.	Metal.	87 cm - Altura 24 cm - Largura	Bom	RT Gaveta 01
0820		Cristo Crucificado	990.II.02	985.II.029	PA 0239 / PA 00050 0039	Sem referência.	Madeira, marfim e metal Entalhe e recorte.	84,5 cm - Altura 47,5 cm - Largura 11 cm - Profundidade	Bom	RT Gaveta 01
0229		Santo Antônio.	990.II.03		PA 0697 111.243	Sem referência.	Terra-cotta (engobada e pintada) Medalhão, cozinha polícora.	23,2 cm - Altura 8,5 cm - Largura 7,5 cm - Profundidade	Regular	Reserva técnica.

Fotógrafa Fernanda Athayde (2018).

Ilustração 19: Listagens organizadas por Coleção por exemplo.

Nº de ordem	Imagem (foto)	Título/Tema	Nº de Inventário	Nº Anterior	Autor	Material/Técnica	Dimensões	Est. de Conservação	Local
0458		Salvo com pe.	990.VI.02	PA 297	Sem referência.	Prata/ Reposada e vazada.	22 cm - Altura 22,5 - Diâmetro 11 - Diâmetro (base)	Bom	Reserva técnica.
0463		Galiteiro.	990.VI.04	PA 0154	Sem referência.	Prata/ Reposada e vazada.	18 cm - Altura 19 cm - Largura 8 - Diâmetro	Bom	Reserva técnica.
0645		Bule.	990.VI.07	PA 0689	Sem referência.	Prata/ Batida e repolida.	15 cm - Altura 26 cm - Largura 11 - Diâmetro (abertura) 17 - Diâmetro (base)	Bom	Reserva técnica.
0642		Bule.	990.VI.08	PA 0681	Sem referência.	Prata/ Batida e repolida.	16 cm - Altura 25 cm - Largura 10 - Diâmetro (abertura) 15 - Diâmetro (base)	Bom	Reserva técnica.

Fotógrafa Fernanda Athayde (2018).

CONSIDERAÇÕES E RECOMENDAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho, foi apresentada a instituição MUPAC, um pouco do seu contexto histórico, o setor de documentação e a problemática que deu origem a este relatório de atividades. Além disso, fizemos uma discussão sobre a importância da atividade da documentação museológica e as etapas e procedimentos que são necessários para a preservação, conservação, comunicação do acervo de uma instituição museológica.

Buscamos refletir e analisar sobre documentos os procedimentos que foram realizados no período de 1990 a 2015 no MUPAC. Com base no referencial utilizado e nas disciplinas do curso, voltadas para esta temática, esperamos contribuir para os trabalhos de documentação museológica nos museus, indicando possíveis etapas a serem adotadas que deverão ser analisadas de acordo com a realidade de cada instituição.

Penso que a equipe do MUPAC deve continuar a realização das atividades que foram descritas, no decorrer desse relatório, visando atualizar 100% das informações do acervo, para posteriormente serem estudadas medidas que deverão ser adotadas para o campo da documentação nesse museu.

Lembrando que é preciso fazer correções em diversas etapas da documentação, como por exemplo, nos números de registros repetidos, números de registros trocados, na numeração dos objetos que não possuem identificação, na situação dos objetos que foram emprestados, na criação do livro de tomo da instituição. Sugerimos ainda a criação de um livro diário, como um livro-caderno de anotações que deverá ser preenchido pelo museólogo ou a equipe de museologia da instituição, de maneira informal, porém clara, com o objetivo de ajudar a informar a todos, sobre o pensamento e as medidas que foram pensadas e tomadas sobre a documentação.

Por fim, pretende-se que este relatório deixe claro todas as atividades que foram realizadas na instituição e, que possa transmitir os pensamentos e questionamentos que surgiram ao longo deste trabalho, com o objetivo de auxiliar nas atividades que venham a ser desenvolvidas no setor de documentação da instituição estudada e trabalhada.

Referências

ACLAMAÇÃO, Palácio da. **A Aclamação e O Aclamação**. [mensagem pessoal] Mensagem recebida por: <fernandacostaathayde@gmail.com>. em: 01 jun. 2018.a

ACLAMAÇÃO, Palácio da. **Exposição do Palácio da Aclamação**. [mensagem pessoal] Mensagem recebida por: <fernandacostaathayde@gmail.com> . em: 01 jun. 2018.b

ACLAMAÇÃO, Palácio da. **Resumo do aclamação: Palácio da Aclamação - Casa de Cerimonial e Museu**. [mensagem pessoal] Mensagem recebida por: <fernandacostaathayde@gmail.com>. em: 01 jun. 2018.c

ACLAMAÇÃO, Palácio da. **Um palácio da era republicana**. [mensagem pessoal] Mensagem recebida por: <fernandacostaathayde@gmail.com> . em: 01 jun. 2018.d

ALVES, Célia Regina Araújo; BARBOSA, Nila Rodrigues. Uma experiência sempre em processo: a curadoria de acervos documentais. In: BITTENCOURT, José Neves; JULIÃO, Letícia (Org.). In: Cadernos de diretrizes museológicas 2 : mediação em museus: curadorias, exposições, ação educativa. Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais, Superintendência de Museus, 2008, pp. 144-156.

ANDRADE JÚNIOR, Nivaldo Vieira de Andrade. A Influência Italiana na Modernidade Baiana: o caráter público, urbano e monumental da arquitetura de Filinto Santoro. in **19&20 - A revista eletrônica de DezenoveVinte**. Volume II, n. 4, outubro de 2007. Disponível em :< <http://www.dezenovevinte.net/19e20>>. Data de acesso 28.Nov.2018.

BAHIA. Governo do Estado da Bahia. Presidência do Movimento e Ação Integrada Social (Org.). **Palácio da Aclamação**: : restauração. Salvador: Fotocomp, 1991. 64 p.

BARBUY, Heloisa. ‘Documentação museológica e pesquisa em museus’. In Documentação em Museus. Rio de Janeiro: MAST, 2008:33 a 44.

BOTTALLO, Marilúcia. Diretrizes em documentação museológica. In Documentação e conservação de Acervos Museológicos. Diretrizes. São Paulo: SEC, 2010:47-79.

CÂNDIDO, Maria Inez. Documentação Museológica. In: TRINDADE, Silvana Cançado et al. **Cadernos de Diretrizes Museológicas**. Belo Horizonte: Via Social, 2002. p. 29-75.

CERAVOLO, S.; TÁLAMO, Fátima. Tratamento e organização de informações documentárias em museus. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia/ USP. São Paulo, 2000. 10: 241-253.

LEAL, Renato Machado. **Palácio da Aclamação: Projeto de Restauração**. Salvador: S/r, 2008

FERREZ, Helena Dodd. Documentação Museológica - Teoria para uma Boa Prática. in-IV Fórum de Museus do Nordeste, 1991, Recife.

FERREZ, Helena D.; BIANCHINI, Maria Helena S. Thesaurus para acervos museológicos. Rio de Janeiro: Fundação Pró- Memória, 1987.

MORO, Fernanda de Camargo e Almeida. Da Documentação: Elementos Básicos para a Decodificação. In: MORO, Fernanda de Camargo e Almeida. **Museu: ; Aquisição- Documentação**. Rio de Janeiro: Livraria Eça Editora, 1986. Cap. 2. p. 41-76.

MORO, Fernanda de Camargo e Almeida. Da Documentação: Elementos Aprofundados da Decodificação. In: MORO, Fernanda de Camargo e Almeida. **Museu: ; Aquisição- Documentação**. Rio de Janeiro: Livraria Eça Editora, 1986. Cap. 3. p. 79-182

SMIT, Johanna. 'A Documentação e suas diversas abordagens'. In MAST COLLOQUIA, **10**. Rio de Janeiro, 2008: 11-22

TAVARES, Luís H. DIAS. História da Bahia, EDUFBA/UNESP, Salvador/ São Paulo, 10ªed, 3ªtiragem, 2006.

TEIXEIRA, Cid. Palácio da República na Bahia. In: BAHIA, Governo do Estado da. **Aclamação: restauração**. Salvador: Fotocomp, 1991. p. 03-64.

